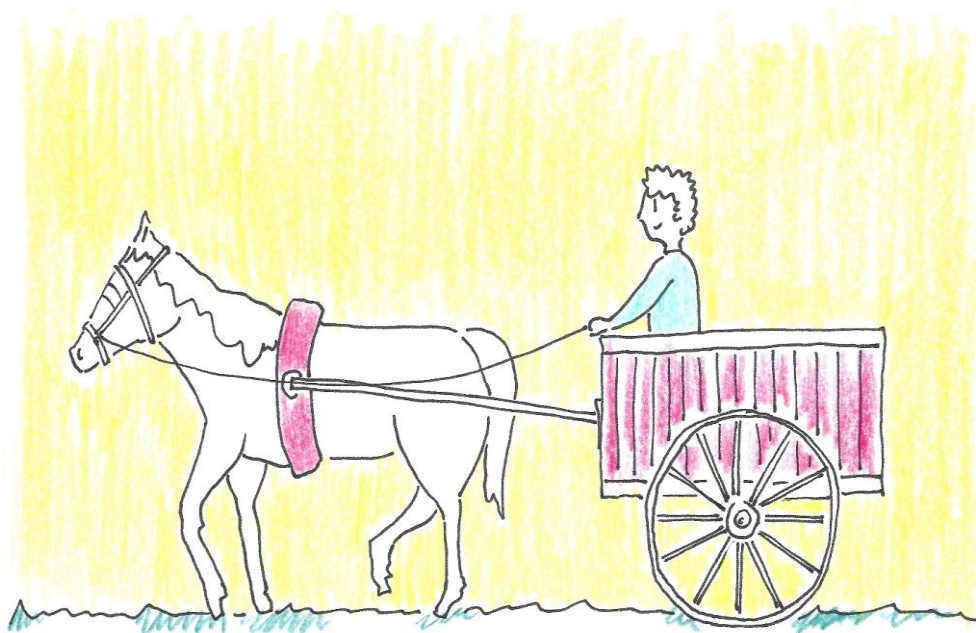


Vontade



Em A opinião de..., José Víctor Orón Semper¹ nos fala sobre termos e mentalidades:

Vontade

Original: educacion.press/2018/03/07/terminos-mentalidades-voluntad/

Eu faço o que quero! Esta frase poderia ser vista como um exercício de liberdade, onde voluntariamente se decide fazer algo. Mas, por pouco que se tenha vivido, é o bastante para descobrir não somente a quantidade de vezes que nos equivocamos ao manter essa postura, mas, além disso surgem dúvidas sobre as verdadeiras razões interiores e pessoais para tal decisão. Ou seja, não é somente uma questão de falta de conhecimento ou de um conhecimento equivocado, senão que suspeitamos que não temos acabado de decidir nós mesmos. Talvez estejamos padecendo de nós mesmos,

¹ Doutor em Educação (Universidade de Navarra). Mestre em Neurociência e Cognição (UNAV) e em Bioética (Fundação Jerónimo Legeume). Membro do Grupo Mente-Cérebro (UNAV). Licenciado em Estudos Eclesiásticos (Facultad de Teología San Vicente Ferrer). Engenheiro de Vias, Canais e Portos (Universidad Politécnica de Valencia). Professor do ensino fundamental e médio e sacerdote escolápio. Autor do Programa de Educação Emocional UpToYou.



padecendo as nossas próprias feridas do passado. Em tal caso, estamos convencidos de que escolhemos nós, mas: Quem escolheu? Eu escolhi ou padeci?

Basicamente, há duas formas de entender a vontade. Uns pensam que a vontade é a faculdade que nos permite decidir o que fazer e/ou levar a cabo; enquanto outros pensam que a vontade é a faculdade que nos permite decidir que tipo de pessoa ser.

Os que pensam que a vontade me permite decidir o que fazer, ignoram que isso a inteligência já decidiu ao conhecer a realidade.

Um confucionista, Wang Yangming, opinava que conhecer algo é dizer que tipo de relação se quer ter com o que se conhece. Logo, ao conhecer já se tem decidido o que fazer. Por outro lado, na pedagogia, se pensa que conhecer algo é recordar as experiências vividas em relação a esse objeto. Em tal caso, quando a criança conhece o que é uma cadeira, o que faz é reconhecer a experiência vivida em relação com a cadeira (segura as costas, os pés ficam apoiados, se descansa, etc). A neurociência confirma que as crianças acedem ao que nós, adultos, chamamos de memória semântica (o que as coisas são em si mesmas. Por exemplo, descrever a torre de Pisa em si mesma) em função da memória episódica (a relação que se teve com esse objeto. Por exemplo, ao visitar com a família a torre de Pisa). Assim que, conhecer algo é conhecer uma forma de interagir com isso.

No contrário, há pessoas que opinam que a inteligência serve para saber o que as coisas são em si. Em tal caso, é lógico que pensam que a vontade servirá para saber o que fazer e fazê-lo. Os que se encantam com o “dever ser”, ao estilo de Kant, propõem que a vontade tem que limitar-se a assentir o que a inteligência lhe mostra. Outros, de corte muito emotivista, para os que as emoções são o decisivo, acabam rompendo esquizofrenicamente o ser humano, pois a inteligência pode ir por um lado e a emoção por outro e, obviamente, é à emoção que se tem que obedecer.

Mas quando a vontade se limita a fazer o que as emoções nos sugerem: O que se está fazendo? Por exemplo, um jovem diz: “Odeio meu pai.” Se o jovem decide deixar-se levar pelo “ódio” e bate em seu pai, alguns diriam que as “emoções” sequestraram sua inteligência. Mas, se a inteligência é quem mostra o que fazer: Quer isto dizer que no ser humano há diversas instâncias de decisão? Assim o entendia, por exemplo, Platão, que punha o exemplo de cocheiro que dirige a carroça com dois cavalos: o da razão e o da emoção, e um podia disparar-se. É possível essa divisão no ser humano? Há uma esquizofrenia sadia? Penso que não. Quando o jovem que diz odiar seu pai o bate, está fazendo um ato inteligente, pois em função de como interpreta o ódio,

será a ação. Se interpreta o ódio como o reflexo da tirania de seu pai e, portanto, vê o seu pai como responsável pelo ódio, é normal que se carregue contra ele. Mas se interpreta o ódio como reflexo da frustração de querer encontrar-se com o seu pai e não poder, não dirá que seu pai é o causador, e sim a incapacidade de se encontrarem. Em tal caso, a ação será bem distinta. De modo que apenas existiria um cavalo. A emoção é o reflexo de como uma pessoa com uma história concreta se posiciona e entende um fato concreto. A emoção informa como se produz o encaixe entre a vida de uma pessoa e a situação presente, em função da atividade e expectativas com as que encare esse fato. Assim, pois, nos informa a confluência de muitos elementos, mas não dos elementos que entram em relação. Por isso, as emoções não servem para julgar. Nenhum sentimento se pode entender à margem da complexidade da vida. Por isso, quando popularmente dizemos “se deixou levar pelas emoções”, em verdade dizemos “se deixou levar por uma compreensão incompleta da realidade”. Em tal caso, as decisões chamadas emocionais, ante as quais parece que à vontade somente lhe resta assentir, são decisões onde sofremos nossa ignorância e onde possivelmente emergem mecanismos de defesa que criamos para defender-nos de feridas que não se curaram. Decidir em tal situação nos faz comportar-nos em uma espécie de “modo sobrevivência” para tentar nos defender. Em tal caso, padecemos nós mesmos e fazemos sofrer os demais.

É curioso, mas tanto os que apostam pela inteligência como rainha absoluta à qual se submetem todos, como os que apostam pelas emoções para decidir, coincidem em afirmar que uma coisa é conhecer e outra atuar. Há uma postura intermediária que consegue unir o dever ser com as emoções: são os espartanos que emotivizam o “dever ser” e sacrificam a sua vida por isso. Assim mostra genialmente o filme 300, no qual, ao grito de “espartanos”, os soldados gritam: “Aú, aú, aú!”.

Mas, o que sustento é que a inteligência serve para saber o que fazer, logo, a vontade não é para isso. Tampouco seria para o que outros chamam de perseverança, embora isso é o que se sustenta quando normalmente se fala de “força de vontade”. A inteligência já viu tudo o que tinha que ver e já decidiu tudo o que teria que dizer em relação ao objeto. Então: Para que está?

Dizia que a inteligência já tinha visto tudo o que tinha que ver em relação ao objeto, logo, não tem que decidir nada sobre o objeto. Por outro lado, o ser humano sabe (ou conviria que soubesse) que, em suas decisões está decidindo muito mais do que fazer, está decidindo que tipo de pessoa ser. Isto já dizia Aristóteles. De tal forma que, ao roubar, não se está decidindo roubar esse objeto, senão que, de alguma

forma, se está decidindo ser um ladrão. Vygotsky, desde outra perspectiva muito distinta, opinava algo muito próximo, pois ele sustentava que a vontade era assentir ao significado de algo e esse significado é sempre social, pelo que se está acolhendo uma forma de relacionar-se com os demais.

Esta forma de entender a vontade, hoje em dia não é a mais estendida. A mais estendida no mundo socioemocional é a que designo “encher balões”; alguns *coaches* e motivadores põem toda a carga na atitude ou na motivação. Parece que o importante na vida é a decisão com a que se decide olhar o mundo. A atitude seria a forma de aproximar-se à realidade e, se essa atitude é energizante e avassaladora, assim será a vida dessa pessoa. A chave está em acreditar nisso. Se você acredita, pode tudo. Com palavras energizantes, não enchendo o ouvinte (há milhares de exemplos no YouTube). Mas como todo balão que se enche, se enche de ar e, se enche muito, explode.

A vontade, nesses casos, é essa decisão de olhar a realidade desde um ponto de vista, o que o sujeito decida, e se contempla antecipadamente como um triunfador. “Vendedores de ilusões”. Dizem que cada um pode trabalhar sua atitude. Falando assim, transmitem a imagem de que, em definitiva, alguém pode criar-se a si mesmo, criando a sua atitude. Com essa proposta simplificada, deformam o que é a atitude. É certo que a decisão que alguém tome afeta à atitude, mas a atitude não está determinada pela mera decisão, nem é quem a determina inteiramente. Sem dizê-lo, acabamos pensando que “hoje posso nascer”, como se não houvésemos nascido. Sobretudo, ignora que são muitos os elementos que intervêm na formação da atitude: todas as experiências passadas e a forma de compreendê-las. Ignoram também que o ser humano não funciona setorialmente, como se alguém pudesse tomar uma decisão sobre a sua atitude, e não se desse conta que deveria antes recompreender e refazer sua vida. Ignora que na vida o crescimento não começa pela decisão de para onde ir, senão pela acolhida de todo o recebido. Ignoram muitas coisas da complexidade da vida. Com esse enchimento atitudinal, a forma de crescer acaba sendo irreal, inclusive patológica, pois não gera unidade de vida, senão uma distância entre a vida de antes e depois da decisão.

Tampouco a vontade está para encher balões. Há anos se propunham numerosas frases motivadoras: “Você vale!”, “Você pode!”, etc, para que o professor ou o pai dissesse ao aluno ou ao filho. E, embora a própria psicologia já tenha mostrado a irreabilidade desse exagero afetivo, ele está ressurgindo nos que propõem



autoacrescentar a própria atitude. Mas, tanto se eu encho o balão ou se o enchem os demais, sempre se enche de ar e “Cuidado para não arrebentar!”

No contrário, propomos que a vontade está na verdade para acolher, ao nível pessoal, o que a inteligência, que sempre é emocional e ativa, nos apresenta. A vontade, assim vista, está fazendo presente o futuro na tomada de decisões, mas o faz ao nível pessoal, pois está decidindo que tipo de relação interpessoal ter. Não esqueçamos que, em todas as nossas decisões, em verdade, o que estamos decidindo é como nos relacionar com os demais. Assim, nos atos de vontade, decidimos que tipo de pessoa ser, ao acolher a ação ao nível pessoal. Acolhê-la ao nível pessoal é acolher o que a ação implica ao nível pessoal. Como dizíamos antes, ao roubar, o sujeito aceita ser um ladrão. Isso é o que decide a vontade.

Dessa forma, educar a vontade das crianças e jovens é ajudá-los a que vejam a transcendência das ações tomadas, em sua afetação nas relações interpessoais. Educar a vontade não será educar a uma mera obediência consistente em repetir o indicado. Educando assim, não se educaria a vontade, porque propriamente não há escolha e, sem escolha, não há ativação da vontade. O que propomos é que educar a vontade é ajudar a que as crianças e jovens vejam que suas decisões têm uma transcendência clara na afetação das relações interpessoais e que, em cada ação, estamos decidindo como nos relacionar com os demais e, ao decidir isso, se está decidindo que tipo de pessoa se é.

Essa deveria ser a verdadeira orientação vocacional nos colégios. No contrário, deformam a orientação do colégio, já que a reduzem a escolher uma carreira em função do sucesso profissional esperável. Uma boa orientação vocacional deveria ajudar a que as pessoas pudessem decidir o que fazer com as suas vidas para melhorar as relações interpessoais que vivem e que desejariam viver com as futuras pessoas que ainda não conhecem.